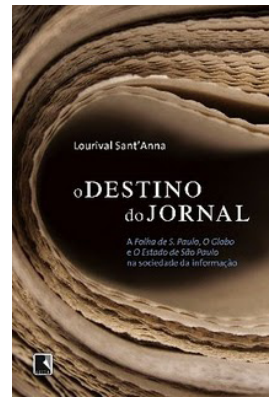


Na contramão de uma morte anunciada

Alexandre Lenzi*



Sem a pretensão de fazer previsões para longo prazo, Lourival Sant'Anna apresenta no livro *O Destino do Jornal – A Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo na sociedade da informação*, um trabalho consistente que vai além dos exercícios de futurologia responsáveis por condenar o jornal impresso à morte certa. O autor está mais preocupado em encontrar caminhos que podem contribuir para uma saudável adaptação ao novo cenário da comunicação do que embarcar no discurso daqueles que, mais uma vez, preveem o fim do jornal impresso, assim como já fizeram quando o rádio e a TV surgiram como novos concorrentes.

Sem também cair no otimismo ingênuo de quem acredita na eternidade do jornal impresso, Sant'Anna une a experiência de duas décadas de redação com o trabalho acadêmico para trazer uma reflexão sobre o que será preciso para que os veículos impressos se renovem e confirmem a manutenção do seu espaço na sociedade da informação. Lançado em 2008, o livro ganha força no atual cenário, em que jornalistas estão cercados de dúvidas sobre seu futuro como comunicadores.

O autor reconhece a preocupação com o quadro contemporâneo do mercado de comunicação, onde não só menos pessoas estão lendo jornais, como também o estão fazendo por menos tempo. Como ressalta Sant'Anna, para as novas gerações, que experimentaram na infância os estímulos do videogame, do computador e da própria internet, o jornal impresso de hoje pode revelar-se um meio opaco e desinteressante.

Contribuindo nesta discussão, Sant'Anna apresenta um estudo exploratório e descritivo, com levantamento de dados quantitativos e qualitativos. Uma das conclusões inegáveis é de que a convergência entre os meios promete pautar a formação dos novos profissionais do jornalismo, além de exigir que aqueles já atuantes se adaptem à nova estrutura de produção das redações. Mas para o autor, sem uma devida preparação dos profissionais das redações, a prática de alguns meios digitais de encarregar seus repórteres de voltar da rua para a empresa com conteúdos em mais de uma linguagem possibilita questionamentos sobre a qualidade na apuração, dada a sobrecarga de tarefas e de preocupações com aspectos técnicos. Sant'Anna defende que essa mudança exige a formação de um novo perfil de jornalistas, no qual o individualismo e o protagonismo cederiam espaço para o trabalho em equipe. É importante ressaltar aqui que o autor não se mostra contra a convergência, mas apenas reconhece a necessidade de uma preparação dos profissionais para que ela ocorra de forma eficiente.

A valorização que Sant'Anna dá aos novos recursos ganha embasamento

Artigo recebido em:
25 de março de 2010
Aprovado em:
10 de maio de 2010

* Jornalista com especialização em Novas Mídias pela Furb (2004), em Estudos de Jornalismo pela UFSC (2005) e mestrando em Jornalismo pela UFSC, com pesquisa na área de reportagem multimídia.

lenzi.alexandre@gmail.com

extra na pesquisa realizada em São Paulo, em 2003, para investigar como membros das classes A e B+ buscam informações noticiosas. Os resultados, divulgados no livro, enriquecem as reflexões teóricas. A pesquisa foi desenvolvida pelo método focus group, em que entrevistadores fazem perguntas a um grupo de pessoas, filmadas e observadas por profissionais que tomam anotações do outro lado de um vidro espelhado.

Questionados por que meio optariam, se só pudessem escolher um deles, a maior parte dos entrevistados escolheu a internet, outras parcelas preferiram o rádio, a revista e a TV. E o jornal foi escolhido pela menor parte de todas. A internet foi escolhida por fatores como interatividade, pelo acesso a uma infinidade de informação e pela possibilidade de ter notícia e entretenimento ao mesmo tempo. Já o jornal foi escolhido por aqueles que apontam o meio como uma fonte para maior poder de argumentação e bagagem cultural. Ou seja, para os participantes da pesquisa, o jornal emerge mais como obrigação do que como prazer. Na avaliação de Sant'Anna, o recado fornecido pelos entrevistados é um pedido para que o jornal impresso seja mais acessível, menos pesado e sisudo; que, além de cumprir a obrigação de manter-se informado, o leitor encontre no jornal também o prazer de ler e de manusear um objeto gráfico agradável e amigável.

O conteúdo como um todo precisa passar por uma nova adequação.

O autor ressalta que os jornais continuam sendo produzidos como se os leitores não tivessem sido bombardeados, na véspera, com notícias sobre os fatos, à medida que eles ocorriam. Trazendo o olhar daqueles que estão dentro das redações, Sant'Anna aponta a necessidade de notícias mais aprofundadas e contextualizadas nos veículos impressos. A opinião é reforçada nas entrevistas, realizadas em novembro de 2005, com Sandro Vaia, diretor de redação de O Estado de S. Paulo; Otavio Frias Filho, diretor de redação da Folha de S. Paulo; e Rodolfo Fernandes, diretor de redação de O Globo. Os três

admitiram que os jornais tendem a diminuir de tamanho e de circulação, e a concentrar-se no que os diferencia: a contextualização, a análise e a qualidade da narrativa.

O autor traz ainda entrevistas com Ramón Salaverría, diretor do Laboratório de Comunicação Multimídia da Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra, em Pamplona (Espanha); e Nicholas Negroponte, co-fundador do Media Laboratory do Massachusetts Institute of Technology (MIT), em Boston, nos Estados Unidos. Para os dois, a absorção do jornal pelo suporte digital já aparece como algo muito mais presente do que para os diretores de redação dos três grandes jornais brasileiros. Mas tanto Negroponte como Salaverría, no entanto, reconhecem que o suporte não deve preocupar o setor, cujo negócio é a informação, não o papel. O jornal continuará existindo, mas a dúvida é sobre o suporte que prevalecerá na divulgação das notícias deste mesmo jornal.

A conclusão que Sant'Anna tira é de que a informação ainda é reconhecida como um produto vital, independente do meio. Mas, no novo cenário da comunicação, em vez de o público ter de buscar informação, ele é bombardeado por ela. Um bombardeio que exige um produto que dê sentido a

A informação ainda é reconhecida como um produto vital, independente do meio

tanta informação. Na visão dos diretores de redação, os jornais não podem, pelo menos por enquanto, abandonar a notícia. Eles terão de continuar nessa posição híbrida, de escrever para um público que já tem a informação básica do que se passou na véspera e para outro que esperou o jornal para receber a notícia. Mas para Sant'Anna, o caso aqui não é de trocar, mas de acrescentar. “Os jornais precisam de mais jornalistas, e não de quaisquer jornalistas. Dos que têm talento, formação, experiência e condição de trabalho para oferecer ao leitor textos intelectualmente sofisticados” (Sant'Anna, 2008, p 185).

Todo o ciclo de produção do jornal deve acompanhar com atenção este cenário de mudanças. Com menos público e uma segmentação cada vez maior entre os leitores, os donos de jornais e seus respectivos departamentos comerciais precisam aceitar novos padrões de faturamento. Em um cenário com novos concorrentes emergindo, é aceitável uma reacomodação das fatias de mercado, tanto do ponto de vista publicitário como de circulação. Aos profissionais da redação, é reforçado o desafio de investir na constante atualização profissional; e aos chefes de redação, de garantir uma sincronia entre toda equipe e de coordenar os talentos de diferentes meios e editorias.

Em um momento em que conclusões precipitadas não são aconselháveis, como destaca o autor, o fundamental é manter o debate vivo nas redações e nos centros acadêmicos que formam os novos profissionais. Acomodação é uma palavra que não pode fazer parte da rotina nem dos mais experientes jornalistas, muito menos daqueles que estão dando os primeiros passos na profissão. Aliás, uma aproximação no diálogo entre mercado e academia, como consegue fazer Sant'Anna, só enriquece o debate e consegue sinalizar alternativas em um caminho que ainda parece ser uma encruzilhada.

Referência bibliográfica

SANT'ANNA, Lourival. **O destino do jornal** – A Folha de S.Paulo, O Globo e O Estado na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Record, 2008.